

FMI volta a ser vidraça

Jacarta – Reuters – 11/1/98

FLAVIA SEKLES
Correspondente

WASHINGTON – A desvalorização do real – que não constava do acordo de US\$ 41,5 bilhões coordenado pelo Fundo Monetário Internacional – e a reavaliação do papel do FMI na crise asiática deram novo fôlego aos críticos do Fundo, que gostaria de atuar como arquiteto-chefe do novo sistema financeiro mundial, mas que por enquanto não passa de vidraça da globalização.

O pavor da controvérsia foi um relatório divulgado pelo FMI admitindo que pode ter subestimado o impacto recessivo das políticas sugeridas para a Tailândia, Coreia do Sul e Indonésia no início da crise. No relatório, o Fundo reconhece ter agravado o impacto social da crise através da rigidez do aperto fiscal e monetário que os governos da região tiveram que implementar para merecer o apoio financeiro internacional.

O FMI e países industrializados se comprometeram a emprestar US\$ 120 bilhões para a Tailândia, Indonésia e Coreia do Sul em 1997. Enquanto as moedas desses países se estabilizaram e as taxas de juros caíram, o investimento estrangeiro não se recuperou completamente e em 1998 os três registraram as piores recessões desde a Segunda Guerra: a Indonésia teve uma recessão de 15% do PIB, a Tailândia de 8% e a Coreia de 7%. Considerando que todos os países daquela região tinham políticas fiscais relativamente disciplinadas antes da crise, é possível que as recessões não teriam sido tão profundas se o FMI tivesse permitido gastos maiores pelo governo.

Esforços – O diretor do FMI para a Ásia e o Pacífico, Hubert Neiss, disse que a “queda da atividade econômica foi muito maior do que havia sido originalmente esperado”. Segundo ele, os efeitos da depressão regional foram subestimados e a natureza da crise em seu início não foi completamente entendida pelos técnicos do Fundo. Mas, em defesa do FMI, Neiss disse: “Gostaria de enfatizar que esforços foram feitos desde o início para ajustar as políticas para a evolução



Stanley Fischer, na Indonésia na crise de 1997: FMI chama de “lições” os fracassos de sua receita recessiva

da crise e a necessidade de reduzir o impacto social, mas nessa área e em outras nós ainda temos muitas lições para aprender com a crise da Ásia”.

Mesmo ao divulgar o relatório e admitir uma margem de erro, o FMI não deu o braço a torcer quanto aos aspectos de sua política que considera bem-sucedidos. Segundo Neiss, “o FMI poderia ter feito sugestões melhores na área de política fiscal, mas não poderia ter evitado a recessão através da expansão fiscal”. Segundo ele, os críticos que argumentam que o FMI causou a crise estão errados: a única forma de combater a queda das moedas e a instabilidade macroeconômica, disse, é através de taxas de juro altas no início da crise. “Não há outra forma de parar o caos financeiro”, disse. “A estratégia foi bem-sucedida em seu primeiro objetivo.”

A questão se torna novamente relevante hoje no Brasil, e há poucas indicações de que dessa vez o FMI – que defende a manutenção das taxas de juro altas até que o real se estabilize – terá o benefício de vários meses para fazer auto-análises e autocríticas. De cara, George Soros, o investidor bilionário, disse que, enquanto a desvalorização do real era inevitável, “os conse-

lhos dado pelo FMI (no contexto dos juros), porque eu acho que eles incentivaram o governo brasileiro a aumentar as taxas depois da desvalorização, estão errados.” Segundo ele, “a menos que a confiança retorne e as taxas de juro caiam, o Brasil vai entrar numa recessão muito séria.”

Confiança – O economista e professor da Universidade de Chicago José Alexandre Scheinkman também disse ao **JORNAL DO BRASIL** que é um erro usar política monetária para defender o real. “A política monetária deve ser usada para controlar a inflação”, opinou o economista, que se recusou a discutir qual deveria ser a taxa brasileira no momento. “Essa estratégia de usar política monetária para defender o câmbio não funciona”. Segundo ele, o governo brasileiro deveria anunciar uma taxa de inflação que considerasse aceitável, e intervir nos mercados de crédito através de taxas de juro quando perceber que aumentos na inflação, assim como faz o governo americano. “A confiança na habilidade do Brasil para implementar um programa fiscal é a única coisa que pode controlar a flutuação do real”, disse. Scheinkman cita o exemplo do Canadá, que desde 1992

viu sua moeda perder cerca de 40% de seu valor perante o dólar americano, mantendo durante o mesmo período uma inflação mais baixa do que a dos Estados Unidos.

O FMI, no entanto, continua defendendo sua política. Jack Boorman, chefe do departamento de política do Fundo, disse na ocasião da divulgação do relatório sobre a Ásia que a decisão do Brasil de elevar as taxas indica que o país não vai tolerar a “negligência benigna” do real. “Quando um país decide flutuar o câmbio, (os pisos) serão testados pelo mercado para determinar a intenção do governo de defender a moeda com outras políticas, e isso é o que está acontecendo no Brasil”, disse. A decisão de elevar os juros tomada na segunda-feira foi, segundo ele, “correta.” “Essa foi um fortalecimento da política monetária para convencer os mercados de que as autoridades não estão realmente preparadas para tratar a moeda com negligência benigna”, disse.

E se o Brasil provar que os críticos estão certos, receberá pelo menos um prêmio de consolação: será assunto de mais um relatório do FMI – sobre lições aprendidas com as crises financeiras.